

**A representação da memória do  
Vidigal na Flup Parque 2017 – as  
disputas e o espaço mnemônico**

**The representation of the  
memory of Vidigal in Flup  
Parque 2017 – the disputes and  
the mnemonic space**

**La representación de la memoria  
del Vidigal en la  
Flup Parque 2017 – las disputas  
y el espacio mnemónico**

---

**Barbara Cristina Nascimento da Rosa<sup>1</sup>**

---

Recebido em: 26/1/2018

Aceito para publicação em: 7/3/2018

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é descrever a representação da memória na Flup Parque 2017: Gincana da Memória do Vidigal, ou seja, trata-se de um relato de experiência. Ao assim fazer, o texto falará da memória como tema (por meio dos desafios propostos na dinâmica) e como legado (por intermédio da exposição “Os crias”). A disputa de poder e representatividade ocorrida nesse processo será aqui tratada. Não há discussão sobre as leituras e representações causalísticas ou romantizadas que são feitas da favela pelos indivíduos externos a ela. Deseja-se falar pela perspectiva das vozes locais; como se diz na periferia: “é nós por nós”.

**Palavras-chave:** memória; representação; “cria”; disputa de poder.

**Abstract:** The objective of this article is to describe a representation of memory in “Flup Parque 2017: Memory Gymkhana of Vidigal”, thus, it is an experience report. In so doing, it will treat memory as a theme (through challenges posed in the dynamic) and as a legacy (through the exhibition “Os crias”). This article also deals with the dispute of power and representativeness. There is no discussion about the causalistic or romanticized representations of the favela made by outsiders. This study speaks from the perspective of local voices; as they say: “it’s us for us”.

**Keywords:** Memory; representativeness; cria; dispute of power.

**Resumen:** El objetivo de este trabajo es describir la representación de la memoria en la Flup Parque 2017: Gincana de la Memoria del Vidigal, es decir, tratase de un relato de experiencia. Al hacerlo, hablará de la memoria como tema (a través de los desafíos propuestos en la dinámica) y como legado (a partir de la exposición “Los críos”). La disputa por el poder y representatividad ocurrida en ese proceso será tratada aquí. No hay discusión sobre las lecturas y representaciones causalísticas o romantizadas que son hechas por personas fuera de la favela. Se habla desde una perspectiva con las voces locales; como se dice en la periferia: “es cosa nuestra de nosotros”.

**Palabras clave:** memoria; representación; críos; disputa de poder.

*Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos nossa foto (Ferréz)<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2002), especialista em Produção Textual (UFRJ, 2007) e EJA (UFRJ, 2016) e mestranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Professora de Língua Portuguesa das redes públicas municipal e estadual do Rio de Janeiro. Integra o Coletivo de Mulheres Negras Louva Deusas e o ColetivAção-Vidigal. Criou e dirige o Núcleo de Memórias do Vidigal. A educadora é nascida nessa favela, onde atua e vive até hoje.

<sup>2</sup> FERRÉZ (Org.). **Literatura marginal:** talentos da escrita periférica. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

## INTRODUÇÃO

As linhas que aqui seguirão pretendem descrever a representação da memória do Vidigal na Flup Parque 2017<sup>3</sup> (modalidade infantojuvenil da Festa Literária do Universo das Periferias), as disputas motivadas pela dinâmica do evento e as relacionadas à subjetividade desse território. A escolha do tema encontra justificativa na pesquisa de Mestrado em Memória Social, na linha de Memória e Patrimônio, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), intitulada “Vidigal: narrativas de memórias”, que serviu de base para o evento citado.

A representação é produção social do sentido, ou seja, algo essencialmente ligado à parcialidade de abordagens distintas. Uma vez que a representação é fruto de uma seletividade, ela é em si um fenômeno redutor de significado. Logo, por ser este texto a pretensa descrição de uma representação, ele reduz o que foi representado. Foucault (1999) explica que a linguagem não é a representação do real, pois o signo verbal é arbitrário em relação aos objetos a que ele refere. Dodebei (2014, p. 33) contribui dizendo que “a escrita acrescenta mais um nível de redução em relação à mesma fonte e, portanto, toda proposta de representação de linguagens de representação reduz a informação na fonte”.

Posto isso, pretendendo dar cabo do propósito deste texto, ao tratar do tema memória local e disputa de poder, deseja-se unir regimes de saberes: o acadêmico e o não acadêmico, como propõe Gutiérrez (2006) ao defender a epistemografia. Isso porque a autora do presente texto foi responsável pela curadoria do evento realizado na favela, onde tem implicações identitárias e subjetivas (assim como aqueles que nele atuaram), simultâneas aos interesses como pesquisadora da memória local.

Do ponto de vista epistemográfico, todas as instâncias têm direito à razão e o direito de transmiti-la em igualdade de condições. De outro modo, estaríamos ante uma nova e sutil estratégia de dogmatização e de totemização: para que uma categoria seja válida, deve ela ser sempre única e todo-poderosa (GUTIÉRREZ, 2006, p. 104).

A epistemografia, segundo Gutiérrez (2006), organiza o conhecimento de forma horizontal e interativa. Isso porque a prática de hierarquia de saberes acaba apagando indivíduos e silenciando vozes. Já a visão proposta pelo autor pós-colonialista se interessa pelo conhecimento e pela memória gerados pelos despercebidos sem sobrepor-los a outros conhecimentos. Afinal, “quem teria legitimidade para estabelecer distinções entre os conhecimentos ou levantar fronteira entre eles?” (GUTIÉRREZ, 2006, p. 2). O conceito de epistemografia, além de servir de fundamentação para o presente texto, também foi utilizado durante a elaboração e a construção da Gincana da Memória do Vidigal na Flup Parque 2017. O evento foi uma disputa de conhecimento entre indivíduos natos sobre o local e sua trajetória. Para atender aos desafios propostos, os moradores envolvidos reuniram o saber orgânico com os adquiridos por via formal.

Os conceitos aqui levantados (representação, epistemografia) sustentarão as análises que seguirão em linhas posteriores, porém o intento deste texto não é propor uma discussão conceitual. Deseja-se descrever um evento que possibilitou o envolvimento de uma coletividade de moradores em prol da representação da memória local e a disputa pela representatividade em um espaço de memória. Foi dedicada uma sessão para cada análise descritiva.

<sup>3</sup> A Festa Literária do Universo das Periferias (Flup) foi criada em 2011, inspirada na Festa Literária de Paraty (Flip). Ocorre a cada ano em uma favela carioca e tem como público focal moradores de territórios marginalizados.

## A MEMÓRIA COMO TEMA

A memória de um lugar é seu patrimônio indissociável. A lembrança e o pertencimento entrecruzam-se e evocam cenários, pessoas, histórias e hábitos que, embora residam no passado, são atualizados com uma certa nostalgia ou desejo de esquecimento (POLLAK, 1989). É essa relação que forja a trajetória de um lugar e de sua gente. A história do Vidigal, favela localizada na zona sul carioca, é marcada por disputas territoriais, resistências e conquistas, além, é claro, de uma vocação cultural que a torna paradigmática no contexto das favelas cariocas<sup>4</sup>.

O Vidigal, desde a primeira década dos anos 2000, vem sofrendo um processo de gentrificação<sup>5</sup>. Obviamente o atual cenário de violência no Rio de Janeiro e o enfraquecimento da atuação da polícia militar nas favelas onde se implantaram Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) diminuíram a especulação imobiliária, porém os turistas continuam frequentando as festas famosas promovidas no morro (que, por conta dos preços elevados, ditam: “favela sim; favelado não!”), fazendo a trilha do Morro Dois Irmãos e se hospedando nas pousadas locais. A fim de frear o movimento expulsatório de moradores antigos, detentores da memória e identidade dessa favela, o Núcleo de Memórias do Vidigal faz uso da memória identitária local como instrumento de resistência para o orgulho e a permanência. O trabalho consiste em uma gama de ações, construção de acervos e variados registros que buscam servir de suportes da memória, idealizado e dirigido pela autora do projeto de dissertação supracitado e do presente texto. Esse projeto é realizado a partir e com o grupo de indivíduos envolvidos e conta com o apoio do coletivo de moradores locais.

A Flup Parque em 2017 teve como temática a memória do Vidigal – favela escolhida para sediar o evento. A abordagem foi desenvolvida com base no trabalho de pesquisa de mestrado “Vidigal: narrativas de memórias” e do Projeto Núcleo de Memória do Vidigal. Habitualmente a Flup Parque homenageia um autor do universo literário por meio de disputas intercolégias. Ao trabalhar com a memória do Vidigal, encontramos o desafio de criar uma estratégia que fosse capaz de resgatar e difundir a história desse território e que envolvesse as crianças dessa favela (público-alvo do evento).

O primeiro obstáculo apresentado foi a heterogeneidade das escolas que atendem esse público. São quatro unidades de ensino: uma privada e três públicas. Uma delas recusou participar da gincana alegando indisponibilidade de inclusão no conteúdo programático. Outras duas possuem um alunado com divergência etária. Diante dessa questão, pensou-se uma solução que envolvesse as crianças de todo o Vidigal e não somente as escolas locais. A estratégia escolhida foi atrelar o conceito de memória à abordagem temática, metodológica e representativa.

---

<sup>4</sup> Um grupo teatral fundado no Vidigal já revelou talentos para a televisão, o cinema e a música. Além disso, até antes do acirramento da disputa pelo domínio do tráfico de drogas, esse morro era endereço de artistas renomados. Atualmente passou a atrair o interesse de famosos em residir no local ou usá-lo como cenário.

<sup>5</sup> “Caracteriza-se normalmente pela ocupação dos centros das cidades por uma parte da classe média, de elevada remuneração, que desloca os habitantes da classe baixa, de menor remuneração, que viviam no centro urbano. O deslocamento vem acompanhado de investimentos e melhorias tanto nas moradias (que são renovadas ou reabilitadas) quanto em toda a área afetada, tais como comércio, equipamentos e serviços” (BATALLER, 2012, p. 9).

Decidiu-se elaborar a “Gincana da memória do Vidigal” aos moldes das disputas de galeras ocorridas nos bailes *funks*, nas décadas de 1980 e 1990<sup>6</sup>, no Águia Social Clube<sup>7</sup>. Sendo assim, a disputa deixou de ser entre escolas e passou a ser concebida com base em áreas representativas do Vidigal, tal qual era o concurso de galeras. O objetivo era acionar a memória individual, intergrupar (uma vez que privilegiamos separar o morro por áreas) e coletiva (no que se refere ao morro em questão).

A fim de contextualizar a trajetória local, a abordagem dividiu o Vidigal por fases. Foram elas: Do Major às Corridas da Niemeyer – O Começo de Tudo; Ocupação e Resistência (década de 1970); Década da Solidariedade: Os Mutirões (década de 1980); Favela Bairro: Integração e Não Remoção (década de 1990); Integração e Gentrificação (primeira década dos anos 2000). Porém não houve o intuito de criar uma linha do tempo ou engessar a história em blocos, mas estabelecer uma cronologia capaz de representar momentos significativos na história do morro em questão e de suas instituições.

As atividades que comporiam a gincana deveriam representar, por meio de linguagens variadas, as vidas que não se encaixam no quadrante para a sociedade hegemônica (BUTLER, 2016) e que, portanto, são histórias esquecidas. O intuito era não apartar os discursos das ações, uma vez que é na linguagem que se desenha uma trajetória de marginalização, como defende Judith Butler (2016), filósofa preocupada com o conceito de representação. A ideia era positivar o conceito de favela, desconstruindo a naturalização da violência simbólica e física sofridas pelo favelado. Se a função principal da linguagem é nos permitir agir no mundo, a ferramenta de ação da gincana proposta seria a memória como *performance* do discurso (MELO; ROCHA, 2015).

Logo, as atividades precisariam cumprir uma narrativa de cada área. Ainda assim, a fim de não hierarquizar a história das localidades contempladas, os desafios deveriam ser os mesmos; as respostas a eles, criativas. Para tanto, era necessário escolher indivíduos que atuassem como coordenadores dessas áreas. Foram selecionadas seis pessoas (uma dupla atuou em uma extensão de área e os outros quatro em áreas distintas) que possuíam as seguintes características: liderança, representatividade, capacidade de articulação com instituições locais, atuação no morro, comprometimento e inventividade.

O desafio era realizar a Flup Parque 2017 tendo como tema não um autor renomado ou a palavra. Ao eleger a memória do Vidigal como tema, escolheram-se vários autores e o discurso como ação. Considerou-se a trajetória do lugar a partir dos indivíduos que construíram a sua história como fonte primordial e preferida de informação e um valor cultural a ser preservado.

## A DISPUTA PROMOVIDA – A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA LOCAL

As fontes de informação sobre a memória do Vidigal utilizadas pelas equipes foram o histórico e descritivo de cada área e a produção audiovisual da pesquisa de mestrado “Vidigal: narrativas de memórias”. Ainda assim, foi incentivada a busca por essa memória também a partir do narrador privilegiado, o morador local (registro de análise na pesquisa citada).

As equipes participantes correspondem a cinco áreas aqui eleitas como representativas do Vidigal. Seguindo esse contexto, associamos a cada localidade um ritmo musical mais

<sup>6</sup> Várias áreas que compõem o Vidigal formavam a sua “galera” para participar desse concurso, que incluía disputa de coreografia de funk, mais animação e desafios como o maior pão a metro.

<sup>7</sup> O Águia Social Clube foi até a década de 1990 um importante espaço de lazer e identidade dos moradores do Vidigal. Os bailes de black music (1980-1990) atraíam para o morro moradores do asfalto. Já os bailes funk eram lotados pela população vidigalense.

significativo para seus moradores. Afinal, a divisão da abordagem foi inspirada nos bailes ocorridos no extinto clube local. Além disso, essa divisão também buscou adequar a área do morro ao contexto histórico em que se destacou em relação às outras partes da favela. Uma vez que as áreas foram coordenadas por moradores pertencentes a importantes instituições locais, estas também foram contempladas, seguindo a filiação de cada um. Foram realizadas parcerias com várias dessas instituições, além de outros projetos culturais e esportivos.

Quanto à motivação em dividir a competição por áreas da favela, obedece a ordem prática de criar equipes competitivas (uma vez que a gincana não poderia ser apenas intercolegial) e cumprir com a ótica da favela. A relação de identidade e pertencimento a um lugar é desenvolvida pelo processo de apropriação desse lócus. Ao se apoderar desse espaço, o indivíduo atribui-lhe significados e sentimentos que são elaborados e reelaborados constantemente. Quando tal território é uma favela, esse pertencimento identitário dá-se de forma mais plural, pois delinea o espaço geográfico como um mosaico de rupturas e permanências (SANTOS, 1978). Isso porque rompe com o que é imposto pela sociedade abrangente e hegemônica e estabelece uma lógica de pertencimento desconhecida pelo “asfalto”. A favela tradicionalmente não é vista como uma unidade administrativa, não participa da gestão da cidade; é algo à parte. Porém, enquanto realidade espacial, insere-se no processo histórico que modifica relações, sentidos e as próprias formas de atuar no território. Criam-se o que Foucault (1984) chama de “outros espaços”. Essa realidade fragmentada dentro da cidade constitui uma subjetividade que nem sempre acompanha as regras impostas pelo governo e pelas leis estabelecidas. Em uma favela as áreas são mais conhecidas (e reconhecidas) do que as ruas. Existe o pertencimento marcado ao dizer: “sou cria da Pedrinha”, “moro no 314”. Essas determinações localizam o indivíduo muito mais do que as ruas onde residem. Legitimam a identidade e o pertencimento do indivíduo dentro do morro, pois a favela preserva relações inerentes ao próprio espaço. Subvertem-se a ordem dominante e as etiquetas classificatórias.

A abordagem por áreas considera que as relações pessoais ocorrem no espaço físico ao mesmo tempo em que este altera as relações pessoais – um está diretamente implicado no outro (SANTOS; SILVEIRA, 2004). DaMatta (1997) afirma que o espaço se configura como uma esfera de significação social, pois reproduz internamente a própria sociedade e sua lógica. Para esse estudioso, a sociedade brasileira é relacional e, ao analisá-la, pensa o espaço a partir de uma relação metonímica de continente e conteúdo. O autor cria a metáfora da casa como representativa da família e a rua como signo do Estado. Na favela, os espaços público e privado são imprecisos; a distinção entre casa e rua algumas vezes é tênue. Isso favorece a identidade indivíduo/área em que mora. Andrade e Valverde (2002) chamam essa aproximação de “continuidade doméstica”.

## O EVENTO

A Flup Parque 2017: Gincana da Memória do Vidigal teve sua ação inaugural na abertura da festa, no dia 10 de novembro. Essa atividade será descrita posteriormente. No momento, será apresentado como a memória local foi representada nas outras atividades propostas pela disputa entre cinco áreas da favela. Durante os dias 13, 14 e 15 de novembro, crianças e adolescentes lotaram a área do morro conhecida como Rua Nova (Rua Major Torja) para representar a memória da localidade onde moram. Várias foram as linguagens representativas previamente propostas: poesia, exposição de fotos antigas “O Vidigal que retratei”, tapete de sal, festival de pipas simbolizando a localidade e seus momentos significativos, esquetes teatrais, simulação dos bailes que ocorriam no Águia Social Clube, releitura do Show das 7 (evento que exibia talentos locais na década de 1990). Não serão comentados todos os desafios propostos na gincana a fim de não alongar a escrita.

Uma das formas representativas foi a linguagem teatral. Houve a simulação de uma briga entre mulheres (“tchutchucas”<sup>8</sup>), a falta de saneamento básico (pombo sem asa<sup>9</sup>), as construções das casas de forma coletiva, a relação entre morador e traficante (desenrolo<sup>10</sup>), o dono do morro que assistia os moradores, as guardadeiras<sup>11</sup> e o vendedor ambulante. Entre as cinco áreas, a esquete que mais despertou emoção nos presentes foi a simulação da vinda do Papa João Paulo II ao Vidigal. A evocação da memória foi provocada tanto por meio da encenação quanto dos “atores”. Participaram da cena o líder da luta contra a remoção<sup>12</sup> e responsável<sup>13</sup> por receber o pontífice e uma das crianças presentes em 1980 na missa em homenagem ao Papa. Os dois cantaram “A bênção, João de Deus” ao som de atabaques. A ideia era homenagear o primeiro terreiro de candomblé do Vidigal, localizado na mesma área onde se situa a igreja abençoada pelo pontífice. Tratava-se também de usar o passado como instrumento de reflexão do presente diante do atual cenário de preconceito e intolerância religiosa.

Durante a atividade do desfile carnavalesco, cada equipe representou sua área e período defendido. Instituições, trajetória local, tipos, espaços, festas e histórias individuais foram representados por alegorias feitas com material reciclável capazes de trazer de volta o “sopro da Mnemosyne”, como diz Abreu (2016). Houve a reorganização dos traços mnemônicos para uma ressignificação da realidade. Ao simbolizar a Rua Major Torja, que nomeia um militar atuante na época da ditadura, a equipe da Rua Nova criou fantasias e cartazes que remetiam às demandas atuais. Representações mnêmicas são polissêmicas, uma vez que comportam diversos significados e abrangem uma variedade de signos. Estes têm o poder de nos dar um sentido de quem somos e a qual local pertencemos e assim atualizar posicionamentos. Schmid (2012), seguidor de Lefèbvre, diz que as representações se constituem do que é percebido, vivido e concebido pelos sujeitos sociais, em uma constante dialética que permeia os interstícios entre o vivido e o concebido.

## A REPRESENTATIVIDADE EM DISPUTA NO ESPAÇO DE MEMÓRIA

As cinco equipes deveriam em uma ação conjunta convidar 300 moradores para participar de um mosaico fotográfico “Os crias”. O nome da exposição surgiu da vontade de homenagear um grupo identitário. *Cria* é o indivíduo que nasceu ou estabeleceu laços socioculturais e afetivos com o território em questão desde a infância. Esse termo é comum em espaços periféricos como designação de um grupo de moradores natos. Por conta das relações interpessoais estimuladas pela nova configuração social no Vidigal, tal posição vem sendo reivindicada.

<sup>8</sup> Denominação popular para caracterizar frequentadoras de bailes funk.

<sup>9</sup> Por não haver saneamento básico, alguns moradores defecavam em sacolas e as remessavam ladeira abaixo.

<sup>10</sup> Diálogo, normalmente entre morador e traficante, com o intuito de amenizar algum conflito.

<sup>11</sup> Mulheres que cuidavam das crianças da vizinhança para que as mães pudessem trabalhar fora.

<sup>12</sup> Em 1977 uma empresa desejava construir um hotel de luxo na parte baixa da favela. Negando esse propósito, a prefeitura deu ordem de remoção dos moradores para Antares (Santa Cruz), alegando que havia risco de deslizamento de pedras no local. A Associação de Moradores da Vila do Vidigal (AMVV) organizou um movimento de resistência que recebeu apoio até mesmo de advogados de renome.

<sup>13</sup> Autor do livro que serve de referencial para a pesquisa “Vidigal: narrativa de memórias”, intitulado Vidigal: resistências e conquistas.

Afinal, após a implementação da UPP, o Vidigal vem recebendo visitas de indivíduos externos atraídos por sua vista privilegiada para a orla da zona sul. É constantemente cenário de videocliques e festas badaladas, virou marca explorada por uma loja famosa e tem uma vocação cultural reconhecida na cidade. Tais peculiaridades reunidas impulsionam o interesse financeiro pelo morro. A visibilidade que o Vidigal pode possibilitar a alguns indivíduos também favorece a apropriação desse espaço como de origem – mesmo sem sê-lo.

A exposição anteriormente mencionada foi resultado de uma parceria entre a Flup e um renomado artista, responsável pelo *Inside Out*, considerado o maior projeto participativo de arte do mundo. O premiado artista francês incentiva pessoas de diferentes comunidades a se expressar por meio de retratos em preto e branco e exibe essas obras em espaços urbanos. No caso do Vidigal, as fotos foram fixadas no galpão de uma ONG.

As fotos produzidas por essa técnica serviram de cenografia para a Flup 2017 e instigaram a realização do Museu do Vidigal. Houve uma campanha entre os coordenadores de áreas para que os moradores concordassem em compor esse mosaico representativo. A convocação foi feita pela internet e por meio de convite impresso entregue pessoalmente pelos coordenadores. Cada equipe elaborou sua estratégia para selecionar as figuras representativas do Vidigal. Embora a questão etária tenha sido a preferida, outras representatividades foram eleitas – atletas e artistas locais, lideranças do movimento de resistência contra a remoção dos barracos na década de 1970, primeiros comerciantes, responsáveis por projetos sociais e famílias fundadoras foram convidados a representar “os crias” do morro.

Formou-se uma fila enorme no galpão sede do evento. Havia um orgulho de pertencimento ao ser convidado como figura representante da memória local. A topofilia exibida no *Inside Out* motivou até mesmo uma competição na internet por meio de uma página do Facebook encarregada de divulgar o cotidiano do morro: Parceiros do Vidigal<sup>14</sup>. As fotos registradas na exposição “Os crias” concorreram à escolha popular de “a figura retratada mais simpática”. É interessante falar que as pessoas dispostas na fila para fazer a foto ditavam quem não deveria ser fotografado com a seguinte frase: “Essa pessoa não representa a memória do Vidigal”. Os conceitos de memória e representatividade foram apreendidos por aqueles que não se importam com definições teóricas mas percebem os sentidos por serem construtos da própria identidade.

Os códigos fundamentais de uma cultura – aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas – fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais há de encontrar (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Ao ter o cria da favela como tema da exposição, incluíram-se nessa representação da memória local moradores do Vidigal de variadas faixas etárias. Logo, abarcou algumas gerações – considerando que a ocupação do Vidigal data em torno de 77 anos (oficiais). Assim, privilegiou-se a identidade coletiva de um grupo marginalizado. Embora, como afirma Freire-Medeiros (2009), a favela venha passando por uma ressignificação semântica (que a sugere como patrimônio da cidade), a ótica de análise é normalmente exterior aos modos de conduta e vivências nesse território. “A memória elucida o sentimento de pertencimento que temos com uma comunidade ou grupo social, atuando como um fenômeno que cria vínculos entre os indivíduos” (MORIGI, 2012, p. 511).

Além disso, a importância de homenagear esse grupo identitário também tem relação com a disputa territorial. Diante do movimento de gentrificação que vem sofrendo a favela em questão, a identidade “vidigalense” vem sendo reclamada por moradores mais antigos.

<sup>14</sup> <https://www.facebook.com/parceirosdovidiga/>



Logo, se o objetivo da Flup Parque era tratar a memória do Vidigal com base nas trajetórias narradas pelos locais, o cria é a categoria representativa por excelência. Foi justamente essa representatividade local que provocou uma disputa de identidades/poder no espaço onde se pretendia criar o Museu do Vidigal.

As fotos foram feitas no dia da inauguração do evento, em 10 de novembro de 2017. Dispostas nas paredes de uma ONG, serviram como cenário da Flup, que ocorreu até o dia 15 desse mês. Em virtude da mobilização conquistada e da satisfação dos moradores ao ver sua memória retratada por meio de figuras representativas, vislumbrou-se a possibilidade de tornar tal exposição definitiva e inserir no espaço outros suportes de memória. Logo, a ideia era criar o Museu da Memória do Vidigal na instituição que tem como administradores, em sua maioria, indivíduos que atuaram no movimento de resistência contra a remoção da favela na década de 1970 e na estruturação da favela, ou seja, os primeiros “crias”.

Ocorre que logo após a Flup o espaço sediou um outro evento. Este, embora fosse destinado à população jovem local, não contava com a participação de nenhum “cria” da favela. Na produção havia um morador recente do Vidigal, um indivíduo que percebeu os possíveis lucros motivados tanto pela “mercantilização da pobreza” (FREIRE-MEDEIROS, 2009) como pela atual proclamada “favela grife”. Dessa forma, esse sujeito desejou afirmar seu evento como único e exclusivo representante cultural do morro (tratava-se de um festival de *hip-hop* e grafite financiado por um grupo franco-brasileiro). Ao deparar com imagens fotográficas de moradores que têm suas trajetórias forjadas no pertencimento local, desconsiderou tais representatividades para a coletividade e destruiu o mosaico fotográfico.

Vídeos retratando o ocorrido foram feitos pelos coordenadores de equipes e pela curadora da Flup Parque (todos “crias” do Vidigal). Uma vez que a exposição retratava os moradores, que em uma sexta-feira ensolarada saíram de suas casas (alguns indivíduos com mais de 80 anos) para compor esse mosaico representativo da memória local, fez-se necessária uma satisfação a eles. Foram rasgadas 37 fotografias, em sua maioria fotos de lideranças locais, de artistas de um grupo teatral e de nossos “heróis” da luta contra a remoção da favela, ou seja, representações inequívocas. Ao destruir tais imagens, macularam-se símbolos da história do Vidigal e de suas instituições. Tentou-se apagar a memória simbolizada nas fotografias de seus representantes. Tal atitude provocou a indignação dos moradores, que a expressaram nas redes sociais, exigindo a reconstrução da exposição e a punição do responsável. Várias foram as postagens sobre o assunto e compartilhamentos dos vídeos queixosos acompanhados de textos como: “Isso não é Vidigal MESMO. Triste demais! Haviam feito um trabalho lindo! Uma homenagem especial. Estávamos muito orgulhosos e agradecidos. Nossa gente é nosso bem. Quem fez isso não ama o Vidigal. Quem fez isso não é Vidigalense!”, “Ato de vandalismo com fotos de moradores do Vidigal”, “Esse cara é cria ou é morador pós-guerra??”, “Isso é recalque? Nem cria ele é”, “No mínimo ele/ela tem que ser responsabilizado civilmente pela destruição da memória de um povo e por depredar patrimônio de 3ºs. Acho q se a comunidade se unisse nessa ainda faríamos uma ação coletiva. Algum advogado aí?” [sic].

Embora houvesse quem considerasse importante como registro da memória a manutenção das fotografias rasgadas no espaço onde se pretendia criar o Museu do Vidigal, por considerar que todo e qualquer rastro compõe a trajetória que se deseja preservar e difundir, a postura adotada foi em conformidade com o apelo da população favelada. Uma postagem no Facebook ilustra a vontade da maioria dos moradores: “a comunidade merece seu museu, seu roteiro de visita e se permite um palpite: que tal fotografar a estupidez que fizeram foto por foto e reconstruir foto por foto fazendo a exposição de abertura do museu?”. Exigiu-se a retratação da empresa responsável pelo evento que ocasionou tal ataque e a reparação dos danos. Diante da repercussão negativa que esse ato desrespeitoso certamente provocaria para a imagem da empresa franco-brasileira, ela decidiu refazer as fotografias e recolocá-las no espaço.

A noção de patrimônio associada à ideia da perda – daí a necessidade da preservação – não considera os processos sofridos por aquilo que se deseja salvaguardar. Mesmo tendo como objetivo primordial promover e difundir a memória local por meio da exposição descrita, recriá-la obedecia a uma outra ordem para além da protetiva. Além de atender ao desejo daqueles que cederam suas imagens para o pretendido museu, recolocar as fotografias atende a uma prática da favela – o poder de se recriar, se reerguer após uma chuva forte, despejo ou tiroteio. A população favelada tem os ajustes como prática. Aquelas pessoas retratadas nas paredes representavam a memória que estaria contida no espaço por meio de diversos suportes evocatórios que compõem o acervo do Núcleo de Memórias do Vidigal. A ideia também era aproveitar o entusiasmo promovido pela Flup Parque e coletar com os moradores vários outros registros da memória, e assim faríamos do indivíduo local o indivíduo do local.

Se os verbos que se referem ao Museu do Vidigal estão no futuro do pretérito, sua não efetivação precisa ser falada. O espaço que comportaria o museu é um galpão concedido por uma instituição privada. Alegando a necessidade de ampliar as dependências do estabelecimento em questão, a concessão não foi renovada. Frustrações à parte, há de se considerar o aspecto positivo – o Vidigal despertou a vontade de memória, o desejo de preservar sua história e difundi-la. Afinal, a trajetória do Vidigal, marcada por resistências e conquistas, está associada à história do país. Temos mais do que violência e vista bonita para mostrar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Vidigal não foi representado como é exatamente (nem teria como sê-lo, posto que a representação é apenas uma leitura do real), mas como foi imaginado que seja, pelas equipes que competiram na Flup Parque 2017: Gincana da Memória do Vidigal. Afinal, as representações nunca darão conta da realidade, são parciais e redutoras. Além disso, “não existem memórias fora do contexto afetivo” (GONDAR, 2016, p. 25). A memória é concebida como um processo no qual as representações coletivas interferem na sua construção. É uma afetação que possibilita a criação de novos discursos mediante ressignificações, ampliações de perspectivas. O real é uma construção de nossa capacidade de nomear as coisas do mundo. Para além de todas as ordenações visíveis, existe uma ordem invisível que possibilita não só a existência daquelas, mas também de outras ordenações possíveis.

Embora houvesse um material textual de apoio sobre a área a ser representada e os momentos mais significativos na história do Vidigal, a representação interpretativa ficou a cargo de cada equipe. Houve uma organização horizontal e interativa do conhecimento e da exomemória (suportes físicos ou digitais da memória). A partir da epistemografia, acolheu-se o “conhecimento excluído, devolvendo-lhe a legitimidade negada pelos processos convencionais de reconhecimento e ordenação” (GUTIÉRREZ, 2006, p. 1). Ao buscar informações com seus pares a respeito da história da localidade, buscou-se o narrador privilegiado. Isso legou pertencimento e estima àqueles cujas vozes muitas vezes são silenciadas (BUTLER, 2016). A pesquisa que serviu de base para a realização deste trabalho utiliza o método da história de vida das pessoas com base em narrativas, ou seja, uma compilação de experiências do passado para fins de análises. Por isso foi incentivada a aproximação dos coordenadores de área com esse método a fim de tornar possível a estrutura narrativa, organizar as tramas como são determinadas pelo valor e sentido inerentes ao narrador e por ele assumidos.

Tal pesquisa em desenvolvimento entende a memória como uma potência capaz de servir de instrumento de reflexão sobre o presente e a elaboração do futuro. Isso é possível por conta de laços identitários construídos por aqueles que comungam do/no lugar: os moradores. O patrimônio, como afirma Dodebei (2008), necessita de uma memorização para

existir e ser transmitido. A história local com base nas narrativas dos moradores constitui o patrimônio do Vidigal, pois pode possibilitar por meio do ânimo do pertencimento a permanência dessas famílias na favela onde construíram, além do espaço físico, as próprias trajetórias. Dessa forma, a valorização da memória do Vidigal pode frear a tentativa de anulação da história dessa favela por parte de seus novos ocupantes.

Esse fenômeno foi manifestado no episódio descrito da danificação da exposição “Os crias”. Desejou-se apagar representatividades, impossibilitar a celebração da memória do Vidigal por intermédio de sua gente. No lugar das fotografias rasgadas, colaram cartazes com a divulgação do evento franco-brasileiro e o logo da empresa realizadora. Tratou-se de um jogo de símbolos, uma manifestação de poder determinando quais representações devem estar expostas ou ocultadas. Houve não só a disputa do direito à memória, mas quem tem direito de ser representante dessa memória. Afinal, os significados são construídos socialmente, as representações os legitimam.

A Flup Parque 2017: Gincana da Memória do Vidigal foi admitidamente uma disputa entre equipes locais sobre memória do Vidigal – assim ela foi pensada. O que não se previu foi a disputa de representatividade dessa memória no contexto apresentado. Ao cabo, os vencedores foram os moradores do Vidigal, que puderam conhecer e divulgar a trajetória local e assim despertar o desejo de memória, o direito de preservação em um espaço físico na favela.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Memória social: itinerários poético-conceituais. **Morpheus: Revista de Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

\_\_\_\_\_; CHAGAS, Mario. Museu visitado – Museu da Favela da Maré: memórias e narrativas a favor da dignidade social. **Revista Musas**, Ibram, 2007.

ANDRADE, Luciana da S.; VALVERDE, Rodrigo Ramos H. F. A dimensão cultural do espaço edificado na Rocinha. **Geosul**, v. 18, n. 35, 2002.

BATALLER, Maria Alba Sargatal. O estudo da gentrificação. **Revista Continentes**, ano 1, n. 1, 2012.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: WALTER Benjamin: obras escolhidas. I. Magia, técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1936.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DODEBEI, Vera. Digital e virtual: o patrimônio no século XXI. In: \_\_\_\_\_; ABREU, Regina. **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa; Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digital. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (Orgs.). **Memória e novos patrimônios**. Saint-Hilaire: Open Edition, 2015. Disponível em: <<http://books.openedition.org/oep/417>>. Acesso em: 20 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979a. p. 15-37.

\_\_\_\_\_. O poder e a norma. In: KARTZ, C. (Org.). **Psicanálise, poder e desejo**. Rio de Janeiro: Ibrapsi, 1979b.

\_\_\_\_\_. **Outros espaços** (Conferência). In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos** – estratégia, poder-saber. vol. IV. São Paulo: Forense Universitária, 1984.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje**: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social**. Rio de Janeiro: Unirio, 2016.

GUTIÉRREZ, García A. Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. **TransInformação**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 103-112, maio-ago. 2006.

\_\_\_\_\_. Desclassificar la identidad. In: \_\_\_\_\_. **La identidad excesiva**. Madri: Biblioteca Nueva, 2009.

MELO, Glenda de; ROCHA, Luciana Lins. **Linguagem como performance**: os discursos que também ferem. Discurso: sentido e ação. 2015. Disponível em: <[http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Professores/linguagem\\_como\\_performance.pdf](http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Professores/linguagem_como_performance.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2018.

MORIGI, Valdir José. Memória, representações sociais e culturais e cultura material. **Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, ano 9, n. 14, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RODRIGUES, Marília Giselda *et al.* (Org.). **Discurso**: sentido e ação. Franca: Universidade de Franca, 2015.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2009.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1978.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil** – território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SCHMID, Christian. A teoria da produção do espaço de Henri Lefèbvre: em direção a uma dialética tridimensional. **Geosp**, São Paulo, n. 32, p. 89-109, 2012.

SILVA, Jailton Farias da. Por que ler e escrever são atos políticos? A literatura marginal periférica para além das representações. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 9, n. 27, p. 92-107, out. 2016-jan. 2017.